

# SABÍAMOS TÃO POUCO SOBRE O AMOR

Hélder  
Reis

 Planeta

Para a minha mãe, Margarida, que gostava  
de histórias de amor.



Meu mundo caiu  
E me fez ficar assim  
[...]  
Não sei se me explico bem  
Eu nada pedi  
Nem a você, nem a ninguém  
Não fui eu que caí  
[...]  
MAYSA MATARAZZO, 1958



## Nota do autor

Leu ou vai ler o meu primeiro romance. Foram dois anos de trabalho, próprio de quem se estreia e quer lapidar as palavras e as ideias. Todas as personagens nasceram para este livro, e também muitos dos lugares. Outros sítios existem, mas sofreram alterações, fruto da teimosia da minha imaginação. A história que envolve este romance procura ser o mais fiel à realidade, sendo que o romance se ajusta a algumas cronologias universais, nunca querendo ser um romance histórico. Mas até na imaginação não podemos fugir à história da humanidade.

A escrita é um processo solitário, mais um. Mas há sempre alguém que nos completa as entrelinhas. Agradeço ao Luís, o melhor leitor que já conheci; pela força, ânimo e correção a cada capítulo. Na verdade, até os processos solitários, quando acompanhados, são mais fáceis. Obrigado, sempre.

Um abraço a cada emigrante. Num mundo cada vez mais pequeno, ainda há tantos *longes* difíceis de se viverem. Força.

Às gentes de Trás-os-Montes, que guardam, para lá do Marão, o diamante da identidade.

Agradeço a toda a equipa da Glam e da Planeta, em particular à Beatriz, da Glam, e à Sofia, da Planeta, que tornaram as palavras neste objeto, o livro. Já não é meu, é seu. Que lhe traga boas viagens, o maior propósito dos livros.

Nunca desista do amor, se valer a pena, ele permanece.



## Prólogo

O ano de 1961 haveria de ser marcante. A União Soviética testa a maior bomba nuclear da história, o papa João XXIII convoca o concílio ecuménico Vaticano II, os Estados Unidos cortam relações com Cuba, John F. Kennedy torna-se presidente dos Estados Unidos da América, começa a ser construído o Muro de Berlim, tem início a invasão da baía dos Porcos, em Cuba...

As noites e os dias destes grandes acontecimentos eram iguais para todas as pessoas cuja voz se ouvia, mãos se enlaçavam e olhares se detinham na vida, nem que fossem existências simples, somente existir.

Sem se marcar na cronologia da grande história, as vidas continuariam a respirar dentro da grande vida do universo. É como se houvesse a nossa respiração e a respiração do mundo, a dois tempos, mas na mesma linha da história e tão longe de terem a mesma memória, o mesmo passado, presente e futuro. O brilho da Lua, a luz solar, as marés, as gotas de orvalho e as da chuva, as janelas abertas e as portas fechadas, o nascer das sementes e o cair dos rios na foz, tudo era igual para todos os calendários. Assim também era com Amélia.





I PARTE

# A VIAGEM





# 1

*Julgo que nunca te vi... Minto, vi-te uma vez, numa viagem-relâmpago à cidade do Porto, para o meu avô cumprir a sua ida ao médico. Mar. Vi-te na foz do Douro. O mar e o rio. Tu imenso, a seres tudo o que sempre imaginei, imenso.*

*Era um dia de nevoeiro e via-te a timidez. Mas sentia-te na pele, na maresia, nos barcos parados da pescaria da noite. Foi rápido, porque a minha mãe não gostava de me ver longe dela, nem perdida em coisas que na aldeia não existem, e o mar estava na lista imensa de inexistência e desinteresse da senhora minha mãe. Mulher a lembrar a serra do Marão. Mas agora estou presente no meio de ti, oceano imenso, onde as ondas se retraem, certamente devido ao tamanho deste gigantesco barco. Eu, que nunca tinha viajado de barco, na verdade só de comboio. Mas quem quer viajar? O que nos acrescenta sair do nosso lugar? Ou o que nos tira? Quem sou eu para perguntar? Estava a caminho da maior distância da minha vida, longe de tudo, longe de ti, para longe e para sempre. Se houver distância no para sempre...*

*Sinto-me enjoada, a dobrar, pelo mar oscilante e pela bênção que me ocupa o corpo. Eu, Amélia Cruz, ia ser mãe, longe das casas agrestes, como as expressões de quem vive numa aldeia. Certamente como a minha expressão, quase vinte anos de mim são dali: Verdosa, entre olivais, cerejeiras e chaminés fumegantes a assustar o gelo do frio. Cerejeiras, ficaria toda uma outra vida nesta árvore, de flores puras, abundantes; e depois,*

*pelo mês de maio, a abundância do vermelho e doces frutos pequenos, sumarentos, a lembrar qualquer coisa de proibido. Passei horas na sombra da cerejeira da terra do fim da aldeia, bastava-me olhar e procurar-lhe o sossego, e em maio, entre terços e procissões a Maria, a cereja. Lembram-me pequenos corações de amor, eu comia corações de amor, na esperança de amar e de ser amada, tal como se amam as coisas, como se fossem divinas.*

*O branco deste pacote de nome Vera Cruz, por vezes, baralha-se com a espuma do mar. Nunca vi tanto tamanho, de gente, de salas, de espaço, de barulhos, de malas, de roupas, de janelas. E como eu gosto de janelas, a da cabina onde durmo com o meu irmão Fernando é redonda e toda ela é de mar. Não gosto da ideia de pensarmos sozinhos, com ideias formadas, e de nos tratarem como crianças de brinquedos, mas é isso que a presença do meu irmão me faz sentir, apesar de o amar, e de nele sentir resguardo, eu não preciso dele nesta viagem, eu sei lá se isto é uma viagem ou um novo nascimento.*

*Ficaria horas aqui, nesta beira de barco com o mar a salpicar-me de pequenos beijos. O que será de mim neste novo mundo para onde me dirijo? Onde trabalharei? Como serão as casas? As ruas? As pessoas... como serão os olhos das pessoas que me verão? Porque eu sou só isto que me veem. Será suficiente para se aproximarem de mim e me quererem? Será que há por lá aldeias com cerejeiras? Não sei nada do mundo e o mundo não quer saber nada de mim. Nem sei se me fazem bem estes pensamentos. Pensar muito pode ser uma espécie de doença, ou não, que disparete, pareço a minha mãe a falar.*

*Sinto-me tão enjoada, já nem sei no que penso.*



– Anda daí jantar, Amélia. Que estás para aí a olhar? Isto é só mar e mar, mais nada... não tem interesse nenhum! – gritou-lhe o irmão, que nunca se deu a este parar nas ideias e remoer pensamentos, como ela. Toda a sua curta vida foi trabalho, tal como o pai. Amélia percebia-os, apesar de ser tão diferente deles.

– Estou tão enjoada, mas uma canja comia. Já vou, irmão – respondeu.

– Despacha-te, porque isto são milhares de bocas com fome e não sei de onde vem a comida para tanta alma.

Amélia sorriu-lhe, mas nem ouviu bem o que disse, estava a pensar para onde ia a sua vida. Apetecia-lhe chorar, mas o vento secou-lhe os olhos e o sentimento. Deixou-se estar mais um pouco a olhar para a imensidão como se tivesse a cabeça cheia de planos e a mala carregada de futuros.

Tirou do bolso do seu vestido de verão um terço, deu-lho a sua mãe, na partida, mesmo à porta da aldeia, como se as aldeias tivessem muros, portas e janelas. Olhou para o terço de madeira, um objeto cheio de tudo e que seria suposto ser a sua proteção, juntamente com o irmão Fernando. Tantas noites de maio, à lareira, de terço na mão, e o som do rádio da mãe da Cacilda, que, vivendo no fundo da rua, o punha alto para toda a aldeia ouvir a devoção. Tanto rezou e agora nem um pai-nosso lhe saía dos lábios. Saiu do lugar onde conhecia Deus. Tê-lo-ia perdido para sempre?

– Amélia!? – chamou novamente o irmão, impaciente.

– Já vou, de verdade que vou, Fernando.

– Hoje o jantar vale a pena... – disse um homem que se aproximava, de estatura média, bem aparentado. Pela farda, trabalhava no paquete.

Amélia não tinha apetite para conversar com estranhos, mas não quis ser rude e perguntou:

– Como é que sabe?

– Ajudei na confeção. E posso garantir-lhe que vai gostar. Desculpe, não me apresentei, sou António Dias, chefe de cozinha, e estou nos meus cinco minutos de pausa para fumar o meu cigarro.

– Sou Amélia, prazer – respondeu, voltando a olhar para o mar na esperança de que o homem seguisse o seu caminho e a deixasse com os seus pensamentos.

– Reparei que a menina está aqui faz algum tempo, está enjoada?

– Um pouco.

– Devia entrar.

– Agradecida.

– Impressionante, não é?

– Não percebi.

– O pacote... é impressionante.

– Sim, gigante, na verdade.

– Mil duzentos e quarenta e dois passageiros e trezentos tripulantes. Oito mil toneladas, sabia que até duas salas de cinema tem a bordo?

Amélia nunca vira tanta gente. Nunca precisou de ver tanta gente, em boa verdade. Cinema, já tinha ouvido falar no rádio da vizinha Cacilda, mas não sabia bem o que era.

– Trabalha aqui há muito tempo?

– Há dois anos, bela viagem, já fomos a Buenos Aires e ao Rio de Janeiro.

– Ao Rio de Janeiro? Conhece o Rio de Janeiro? – disse Amélia subitamente interessada.

– Claro, cidade maravilhosa! – Riu-se numa gargalhada sonora.

– Como é? Como é que é o Rio de Janeiro?

– Quente. Musical. Verde. Colorido. Livre. Quando se chega à cidade apetece ficar a ouvir a canção *Mas Que Nada* de um tal Jorge Ben Jor... Sambar. Sabe como é? Claro...

– Hum, claro... – disse Amélia com muito pouca convicção.

Amélia ia ouvindo o homem que cantarolava com sotaque... Não queria mentir, nem pretendia que aquele homem da cozinha soubesse nada dela, mas na realidade Amélia sabia pouco do Brasil, do Rio de Janeiro, e de canções, ora se nem as canções portuguesas sabia, que dizer das do outro lado do mundo. Só conhecia as modas da sua terra que dançava com o seu Amílcar no baile da aldeia. A terra que longe estava. Será que Verdosa sentia a sua falta? Será que... «Que estupidez, Amélia, uma aldeia não sente, nem sabe quem és... O que seria?», pensou Amélia para si própria, tentando afastar estas suas ideias.

– Viaja em segunda classe? – perguntou o homem, que continuava junto dela, interrompendo-lhe os pensamentos.

– Não, em primeira.

– Então todos os jantares valem mesmo a pena...

– Não percebi, desculpe – disse Amélia.

– São ótimas as refeições da primeira classe. Um peixe corado em manteiga ou uma língua estufada... tudo vale a pena.

– Fico contente. Mas não sou de muita refeição...

– A menina é quem sabe, o peixe está uma maravilha! Agora se me dá licença tenho de voltar ao trabalho – disse, apagando o cigarro e despedindo-se, deixando-a novamente sozinha com os seus pensamentos.

Amélia sorriu, sem dizer nem mais uma palavra. Não gostava que insistissem. A mãe, Maria Cruz de nome, e a parecer que era uma verdadeira cruz que carregava nos olhos, bem a obrigava aos caldos de carne, porque dizia que a sua magreza enervava os gatos. Não, não era assim que a levava. A vida para nos convencer tem de ser de dentro para fora, a afundar-se cá no coração, e só depois passa para a pele... coisas de Amélia.

Amélia decidiu finalmente entrar. Já era tarde, estava frio, e sentia-se tão enjoada como a noite. Ainda tinha mais de dez dias de mar pela frente até chegar ao seu destino... Até chegar à sua nova vida. Até chegar ao Rio de Janeiro.



Amélia bem que procurou, mas não encontrou o seu irmão, por estranho que pareça, ou não, já que Fernando se prendia por um qualquer rabo de saia, coisa que por ali não faltava. Procurou a sua cabina, queria repousar a cabeça e pensar sossegada no que os dias seguintes lhe reservavam. Mas o pacote era enorme, o maior lugar onde já tinha estado. Amélia perdeu-se pelos corredores e escadarias e, sem saber como, foi dar a um local de luz morna, com gente ao balcão, um aroma a cigarro, que ela só conhecia do seu antigo professor de Verdosa.

Um cheiro suave parecia envolvê-la no ar, como se Amélia fosse mais leve, quase sem peso. Amélia entrou na sala a medo. Reparou



imediatamente numa rapariga que estava sentada ao balcão e que retribuiu o seu olhar com profundidade. Amélia olhou para baixo, mas quando deu por si ela já vinha na sua direção. Usava um elegante vestido azul-escuro, justo ao corpo, e um colar de pérolas comprido. As mesmas pérolas que Amélia admirava nas páginas das revistas que a sua tia Carlota lhe enviava do Brasil.

– Desculpe – disse-lhe de imediato.

– Porquê? Não fez nada de mal, que eu saiba.

Amélia sorriu com autenticidade. Sempre conseguiu descortinar as pessoas simpáticas daquelas que cumprem o dever da simpatia...

– Acho que não posso estar neste sítio... Vou-me embora, obrigada, desculpe...

– Pare de pedir desculpa, por favor! – disse a rapariga levando o cigarro à boca. – Não pode? Porquê? Quem a proíbe?

– Porque... – disse Amélia sem resposta.

– Isto aqui é de todos, é um dos bares do paquete. O melhor bar, por sinal – disse enquanto piscava o olho e fazia sinal ao rapaz fardado que servia bebidas.

– O que bebe? Sou a Júlia.

– Sou a Amélia.

– Prazer.

– Não bebo, obrigada.

– Vai para o Rio? Ainda nos faltam muitas noites até lá chegarmos, é melhor beber.

– Sim, vou para o Rio – disse com a garganta apertada, sensação que a tomava sempre que anunciava o seu destino. – Conhece o Rio de Janeiro?

– Conheço de tantas formas e em tantos meses. Vivo entre lá e Portugal. Um coração entre o calor e o frio. Sou de Lisboa. Da Mouraria. Estava cansada de tanto bairro, mas custou-me deixar tanta luz. Que disparate, tanto de tudo. Nunca estamos bem onde estamos. Não acha?

Amélia não respondeu. Encolheu os ombros. Não achava nada. Ela só era de Verdosa. Só tinha ido ao Porto e a Lisboa. Estranhamente,

para Amélia, havia algo de profundamente fascinante nas cidades. O que era estranho, já que era uma rapariga de cerejas e gado... É por isso que a cabeça é muito maior do que um mundo conhecido.

– Sou relações-públicas de um hotel de luxo, no Rio, com donos portugueses e brasileiros. Por isso saltito entre o Rio, Lisboa e o mundo – disse, soltando uma gargalhada sonora. – O Copacabana Palace, já ouviu falar?

– Não. Lamento, nunca ouvi falar. E gosta do que faz?

– Gosto bastante. Mas vá, venha comigo sentar-se. Preciso de falar com uma mulher. Os homens cansam-me. Quase todos e de diferentes formas... – disse entre risos.

Júlia repetiu o gesto para o rapaz do bar e ele sorriu-lhe, timidamente. Sentaram-se numas cadeiras de madeira forradas a veludo verde, muito parecidas com o sofá da sala do diretor da escola de Bragança para onde Amélia tinha ido estudar, forçada pelos seus pais. Um tecido macio que convidava ao repouso. Amélia sentou-se quase a medo, passando suavemente a mão pelo veludo. Adorava tecidos e modas e naquele barco estava a descobrir uma realidade tão diferente dos vestidos e das modas de Verdosa.

Os seus olhos sugavam todos os detalhes daquele espaço. Estava há quatro dias no paquete e nunca tinha visto aquela sala. A madeira a brilhar de tão polida, as luzes mornas, os vidros coloridos, um cheiro entre o couro dos bancos altos e o cigarro. Inebriavam-na. De repente o enjoo desapareceu. Era como se uma serpente a estivesse a encantar de sedução.

– Acompanha-me num porto?

– Porto?

– Sim, vinho do Porto.

– Acho que não.

– Eu acho que sim.

– Não posso, estou grávida.

– Grávida? Parabéns. O seu marido anda pelo paquete...

– Não veio comigo.

– Não?

– Não.

Amélia não queria adiantar conversa. Dar pormenores sobre a sua vida a uma estranha. Ouviu a voz da mãe a repreendê-la: «Não se fala da nossa vida a estranhos, Amélia.» Não aprendera nada?

Havia um grupo de homens que falavam irritantemente alto. Júlia falava com Amélia e olhava com curiosidade para o bar, estava distantemente interessada naquela conversa. As pessoas falam, normalmente falam muito, falam de mais.

Na aldeia, mesmo que não quisesse, Amélia sabia das maleitas da Ti Ricardina, dos enjoos da Gertrudes, da má colheita de cebola da família Lopes; honestamente, não queria saber. Saber de si própria já lhe ocupava tanto tempo de cabeça, achava que não teria mais espaço para ninguém.

Amélia passou a mão na barriga que mal se notava no seu vestido. E perguntava-se onde estaria o irmão, que raramente via e cuja função naquela viagem ela já nem percebia. Não estava ali para lhe fazer companhia? Para a proteger?

O mar estava agitado, tal como Amélia, tal como o seu futuro, e na verdade tal como o presente, que lhe era colocado à frente. Toda ela era incerteza e ansiedade.

– Esta é a minha quarta viagem neste pacote. No princípio era fascinante, lia, conhecia gente, ia às festas. Como todos os princípios, fascinante! Agora entedia-me um pouco.

Amélia não respondeu. Não sabia o que dizer.

– Não é de grandes conversas, pois não?

– Desculpe.

– O que é que combinámos? Chega de desculpas... Relaxe, eu não a julgo. É a sua primeira viagem num pacote?

Amélia sorriu.

– Sim, a primeira para fora de Portugal, a minha primeira viagem de barco...

– Uma estreia absoluta! Um brinde a isso!

– E não sei se enjoo do barco ou se enjoo por estar grávida. Desculpe, mas preciso de me deitar.

– Claro, Amélia. Gostava de te ver... – disse, hesitando. – Posso tratar-te por tu, não posso? Amanhã de manhã podemos tomar o pequeno-almoço juntas, o que achas?

– Sim, claro – disse Amélia. Fazia-lhe bem ter uma companhia, já que o irmão a tinha abandonado para todas as solicitações que aquele barco apresentava.

– Fica combinado. Tem uma boa noite...

– Obrigada – disse Amélia despedindo-se e saindo do bar.



*O corredor para a cabina era quase misterioso, comprido, cheio de segredos, tal como o olhar da Júlia. Era uma mulher estranhamente impulsiva, enfiava-se dentro da retina.*

*Confesso que senti uma curiosidade por ela, pela sua vida, pelas suas roupas, queria perguntar que perfume usava, como vivia, como era trabalhar num hotel... Tudo o que a minha mãe me ensinou a não fazer perante um estranho. Não se faz perguntas, não se mostra interesse, não se revela nada sobre a nossa vida...*

*Era um corredor branco e escuro, como se fosse possível o branco ter escuridão. Sinto-me muito cansada. Quando me sinto assim, gosto de pensar nos dias mais felizes da minha vida, aqueles que sabem a qualquer espécie de luz. Os dias na minha terra, os dias com o Amílcar.*

*Lembrei-me das idas a Mirandela, em agosto, pela Festa de Nossa Senhora do Amparo; de me deitar na erva perto do rio Tua e estender a mão à água, o corpo precisava de frio, de verde, de terra, de liberdade. Agosto era tão quente, impossivelmente quente. Deveria ser isto a liberdade, fresco na pele e na alma. Anos mais tarde viria a descobrir que liberdade é tudo o que não sabemos que ainda virá, por isso raramente a temos por companhia de honra.*

*Quando abri a porta da cabina, lá estava o meu irmão, com um cheiro a álcool, a dormir um sono pesado, como se a vida estivesse toda na sua forma correta de ser. Deitei-me em silêncio, com uma certa necessidade de me esquecer de tudo.*

*Adormeci, provavelmente ao mesmo tempo que os peixes fugiam do ferro do barco, cada um na sua fuga...*

*Na manhã seguinte, logo que acordei, ainda deitada na cama, quis saber o que tinha andado a fazer o meu irmão na noite passada, que nem lhe tinha posto os olhos em cima. De olhos brilhantes, numa excitação quase infantil, Fernando contou-me que se tinha enamorado por uma passageira brasileira, de retorno a casa. Dizia que tinha doce no corpo e na palavra. Que nunca tinha conhecido uma mulher assim. Como eu o percebia, de uma aldeia para um barco, de um barco para o mar, do mar para um mundo novo. O meu irmão estava deslumbrado.*

*O Fernando era um menino homem, pouca vida na cabeça e muito trabalho nos calos das mãos. Teve de acompanhar, desde cedo, a terra dos pais e avós. Lavrar, mondar, semear, regar, cortar, podar, tratar dos animais. Tanta terra e tão pouca gente. Tornou-se selvagem e acutilante, meigo como um pássaro, esquivo como um rio.*

*Deitada na cama a olhar para a janela da nossa cabina, quis saber o que ele achava que estava a fazer, comigo, naquele pacote. O que pensava de tudo o que nos estava a acontecer. Fernando arregalou os seus grandes olhos e disse-me que me queria entregar inteira à tia Carlota e à prima. Era essa a sua missão. E depois, claro, voltar à terra onde pertencia. Entregar-me como um pacote à minha tia e prima, que ambos não conhecíamos, mas sabíamos serem ricas nas terras da abundância. Viamo-las como as revistas que nos enviavam do Brasil, sofisticadas, divertidas, cultas e livres. Será que eram mesmo assim, como eu as imaginava?*